

UMA NAÇÃO E UMA RAÇA PARA O DESERTO ARGENTINO: DO JOVEM AO VELHO SARMIENTO

*Luiz Felipe Viel Moreira**

Resumo

Sarmiento foi a fonte de um discurso historiográfico que transcendeu as fronteiras da Argentina. Tanto no jovem Sarmiento de *Facundo* quanto no ancião de *Conflicto y armonía*, esteve sempre presente a busca da raiz do problema argentino. O artigo analisa as mudanças ocorridas nesta procura – uma luta, que inicialmente demonstrara-se política, termina por parecer claramente social. Mudanças que significaram o abandono em parte do exercício da literatura, pelo aparato de autoridade dos rígidos esquemas científicos de sua época.

Palavras-chave: Raça; Conformação Nacional; Ideologia Liberal; Historiografia Argentina.

*For words are things; and a small drop of ink
Falling, like dew, upon a thought, produces
That which makes thousands, perhaps millions
[think]*

LORD BYRON

O *Clarín*, de Buenos Aires, de 29.01.1995, dizia que o conflito entre Equador e Peru significava a repetição de um “ciclo sul-americano: a guerra na selva amazônica”. Para uma destas guerras, há aproximadamente cem anos Alejo Carpentier (1976), em seu livro *Recurso do*

* Mestre e Doutorando em História Social pela Universidade de São Paulo.

método, nos remete à figura de um ditador em um país latino-americano de “terras quentes”. O primeiro magistrado voltava de uma de suas inúmeras viagens à França – era um ilustrado – para combater o general golpista Ataúfo Galvan. Passando por Nova York, adquiriu uma preciosa edição do *Facundo*, de Sarmiento, o que o fez emitir sentenças amargas sobre o futuro dos povos latino-americanos, sempre empenhados num combate maniqueísta entre a civilização e a barbárie. No dia seguinte à compra do livro, embarcava num cargueiro holandês que haveria de fazer breve escala em Havana.

Misturando realidade e ficção, aproximadamente cerca de cinquenta anos antes, mais precisamente em 1847, o próprio autor do livro comprado pelo tirano no Bretano’s, de Nova York, fazia uma escala semelhante, antes de retornar ao Chile, país que o acolhia há muito como exilado e do qual partira em 1845 para uma viagem internacional. Naquele ano, Domingo F. Sarmiento publicara, em Santiago, *Facundo*, obra que o faria conhecido internacionalmente com a antinomia civilização e barbárie.

Sarmiento, em sua mocidade, fizera leituras desorientadas, porém estavam aí presentes os enciclopedistas e a produção intelectual francesa do início do século XIX. Como Lord Byron, a quem lera, foi um homem que acreditou no poder das palavras e, como aquele, um homem de ação. A luta, ao contrário de Byron que a fez pela independência da Grécia, para Sarmiento se deu em seu próprio país – Argentina.

Sarmiento (1811-1888), professor, literato, militar, político, foi fonte de um discurso historiográfico que desempenhou um papel de suma importância na construção de uma “historiografia liberal” em seu país. A formação e a consolidação do Estado Nacional Argentino se deram após a derrota de Rosas na batalha de Caseros (1852), depois de meio século de instabilidade política, que se seguiu ao período pós-independência (1810). Entre os principais artífices deste processo político, encontrava-se Sarmiento, o qual, através da literatura, construiu uma verdadeira mitologia da exclusão. A nacionalidade não deveria ser feita com a inclusão de todos os seus elementos, como pensaram, para o Brasil, Couto de Magalhães, Capistrano de Abreu e Manoel Bonfim. Os derrotados, ‘bárbaros’ que subjugaram a ‘civilização’ por tanto tempo, deveriam ser eliminados. A ‘historiografia liberal’ cumpriu seu

papel em prol dos vencedores. Apenas no final do século XIX é que esta história passa a ser arranhada pela chamada 'historiografia revisionista', com o resgate dos vencidos. Isto porém é outro assunto.

Ególatra, Sarmiento fez desde cedo uma identificação entre sua pessoa e o país: “! Yo he nacido en 1811, el noveno mes después del 25 de Mayo!” Sarmiento nasceu em San Juan, província do interior argentino, em 15.02.1811, nove meses após a revolução de 1810. Vindo de uma família com simpatias pela causa “federal”, teve em 1827, como ele mesmo conta em seu *Recuerdos de Provincia*, seu ‘Caminho de Damasco’: vira a entrada do caudilho federal Facundo Quiroga em S. Juan e conhecera a “barbárie”. Passados dois anos, incorpora-se no exército “unitário” do Gal. Paz, que, sendo derrotado pelos federais, leva Sarmiento a um pequeno período de prisão.

A Argentina, terminada a fase de lutas pela independência contra a Espanha, mergulhou num ciclo de longos enfrentamentos internos entre os setores partidários de uma organização político-institucional centralizada (unitários), mais ligados aos interesses da província de Buenos Aires que tinha pretensões de hegemonia sobre as demais, e os grupos empenhados na consolidação de um regime baseado na autonomia dos estados provincianos (federais). Em meio aos intermináveis conflitos que se prolongaram durante a década de 20, Rosas – caudilho estancieiro ligado ao grupo federal – assume pela primeira vez o governo da província de Buenos Aires entre 1829 e 1832. Em 1835, numa situação não menos conflitiva, voltava a ser nomeado governador de Buenos Aires. Com “faculdades extraordinárias” concedidas pela legislatura provincial, esta nova gestão só foi interrompida em 1852, quando, derrotado militarmente, parte para o exílio na Inglaterra.

Rosas, durante todo seu governo, teceu um jogo bastante arriscado, fazendo com que os termos unitários/federalistas perdessem seu valor doutrinário: propiciou uma política de alianças com os caudilhos federais das diversas regiões do país, tentando porém manter a liderança; preservou as prerrogativas alfandegárias do porto de Buenos Aires para a sua província (bandeira contra a qual se batiam os federais do interior); obteve concessões das províncias interioranas, representando-as externamente, bem como a seu comércio. Rosas, na realidade, acabou impondo um modelo centralizado, ligado aos

interesses da oligarquia pecuarista da província de Buenos Aires, da qual era um legítimo representante. Como bem lembra Sarmiento, em 1845, antes da queda de Rosas em 1852:

He señalado esta circunstancia de la posición monopolizadora de Buenos Aires, para mostrar que hay una organización del suelo, tan central y unitaria en aquel país, que aunque Rosas hubiera gritado de buena fé: '¡Federación o muerte!' Habria concluido por el sistema unitario que hoy ha establecido. Nosostros, empero, queríamos la unidad en la civilización y en la libertad, y se nos ha dado a unidad en la barbarie y en la esclavitud. (Sarmiento, 1993, p. 60)

O Sarmiento que escrevia estas palavras vivia seu segundo exílio chileno devido a suas posições unitárias. O primeiro durara de 1831 a 1836 e o segundo iniciara em 1840 quando se intensificou a repressão federal comandada por Rosas. Boa parte das lideranças políticas, intelectuais e militares, ligada aos liberais unitários, exilou-se principalmente no Uruguai, Chile e Bolívia.

Facundo, título que dá à obra, foi um famoso caudilho federal da província de La Rioja, morto em 1835 num crime em que as suspeitas recaíram sobre a 'mão pesada' do governante de Buenos Aires. Rosas era então o 'presente' da nação. Contra ele, a obra política do exilado Sarmiento era uma contribuição para o 'futuro', no qual via como extremamente esperançoso e próximo, livre de todos os Facundo/Rosas que assolavam a pátria.

A obra é uma representação da Argentina, construída de forma competente e sustentada em pares opostos, maniqueístas e com juízos de valores; era a luta da civilização *versus* a barbárie. Como representante da civilização, uma outra dicotomia esteve sempre presente: o conhecimento (dele, autor)/ignorância (do outro). Isto está na própria abertura da obra, quando comenta o famoso episódio do vale de Zonda. Rumo ao exílio em 1840, escreveu Sarmiento com carvão e em latim nas paredes do último posto alfandegário antes de atravessar os Andes: "A los hombres se deguella, a las ideas, no".

Tocqueville foi o seu grande modelo de interpretação. A *democracia na América*, fruto da viagem do francês aos EUA em 1831 e publicada em 1835, foi lida por Sarmiento, atribuindo a este a ciência

e a soma do seu desenvolvimento histórico. Sonhava Sarmiento em ser o Tocqueville da América Latina:

A la América del Sud en general, y a la República Argentina sobre todo, ha hecho falta un Tocqueville, que premunido del conocimiento de las teorías sociales, como el viajero científico de barómetros, octantes y brújulas, viniera a penetrar en el interior de nuestra vida política, como en un campo vastísimo y aún no explorado ni descrito por la ciencia, [...], habría revelado a los ojos atónitos de la Europa un mundo nuevo en política, una lucha ingenua, franca y primitiva entre los últimos progresos del espíritu humano y los rudimentos de la vida selvaje, entre las ciudades populosas y los bosques sombríos. (Sarmiento, 1993, p. 40)

Munido da ciência história e com posição romântica e utópica, ocupava Sarmiento o lugar que acreditava estar vago na historiografia latino-americana, revelando já o principal núcleo gerador das antíteses que permeariam a obra: o conflito cidade *versus* campo.

Facundo Quiroga, morto há dez anos, estaria vivo nas tradições populares, na política e nas revoluções argentinas. Era uma manifestação de vida argentina, estava vivo em Rosas. Assim, Sarmiento partia para estabelecer uma genealogia dos males da nação. Para isso se utiliza de uma tipologia dos espaços geográfico-culturais (os quatro primeiros capítulos do livro), da “vida exemplar de Facundo Quiroga” (os nove capítulos seguintes, uma biografia), terminando com a formulação de um programa político (os dois últimos). Estabelecia-se uma ordem iluminista modificada, vendo-se primeiro o meio, após o homem e por fim a nação.

Ao inverter a sentença homem/meio, Sarmiento ressaltava a importância do meio, fazendo do homem um produto do mesmo. A geografia aparece como explicação para a história, visualizando-se outro grande inspirador da obra – Michelet.

Mas que meio era este? Era sobretudo o ‘pampa’, que ocupava boa parte da imensa extensão do país. Uma vasta área, com população rarefeita sob a tensão de ataques indígenas (chamados selvagens) e animais. A adversidade desse meio imprimiria no caráter argentino certa resignação pela morte violenta, bem como o predomínio da força bruta em seu cotidiano.

Era aí que estava a barbárie: o pampa/campo vivendo apenas em função do gado, com seus elementos em completo isolamento. Mas quem era este povo que aí habitava? Eram índios, gaúchos (mescla de índios e brancos) e *criollos* (brancos espanhóis). A questão racial é vista bastante tangencialmente na obra, limitando-se Sarmiento a mostrá-la como negativa, não trabalhando teoricamente o tema.

Neste meio, uma imensidão despovoada, a civilização seria irrealizável, havendo uma ‘ordem natural’ para que daí partissem tendências políticas autoritárias. Sarmiento aí não poupou cores fortes. Os índios, nem precisariam comentários, eram selvagens. Os gaúchos, desenvolvendo apenas suas faculdades físicas, viviam livremente, sendo a antítese da morigeração. Os próprios *criollos* não escaparam de suas críticas, devido ao comportamento que tiveram quando na campanha, abandonados a seus instintos.

Isto era a barbárie, e frente a ela, tinha-se que combater pela arma. A civilização era a cidade, pois ali estariam as leis, as idéias de progresso, os meios de instrução, o governo regular, as atividades econômicas diversificadas...

Para Sarmiento, o rincão da civilização na Argentina chamava-se Buenos Aires, cidade que nem mesmo conhecia. A católica Córdoba, o outro centro urbano de importância, não merecia o mesmo título, pois, apesar de ser a ‘Roma Argentina’, não era a herdeira das ‘luzes’, mas a sim prisioneira da ‘escolástica’.

A natureza, no entanto, jamais foi vista como negativa, chegando a organização do solo a tomar feições políticas: era central e unitária, com os rios a desembocarem-se na bacia do Prata, seguindo o mesmo curso que décadas depois fariam as ferrovias. Todos os caminhos levavam a Buenos Aires. O louvor à natureza foi importante no projeto de construção nacional, ao afirmar a unidade natural da pátria contra as tendências separatistas.

Estava aqui Sarmiento sob a influência de Humboldt, um dos naturalistas a quem admirava. Humboldt, com sua visão positiva da natureza, agora objeto científico e não mais projeção filosófica de tradição iluminista, contrapunha-se às intempéries verbais de Buffon. Os escritos de Humboldt marcaram o pensamento político-cultural das ex-colônias hispano-americanas. Para Bolívar, teria sido o “segundo conquistador de América, el científico”. Sua viagem à América, feita

entre 1799 e 1804, impulsionou os viajantes que por estas latitudes vieram com seus livros debaixo do braço, em busca de oportunidades e negócios.¹

Numa sociedade que era um deserto – expressão utilizada pela historiografia argentina para designar o pampa –, uma das ações do programa de Sarmiento para o ‘novo governo’ era justamente a busca destes capitais. A nação deveria abrir-se ao capital exterior, tão fechada que era com os ‘federais’.

O romantismo na América, sem negar sua procedência européia, encontrou aqui solo propício para se desenvolver. E, na Argentina, deitou raízes profundas. As lutas de independência e o longo período anárquico que ali se seguiu deram origem a temas ligados à questão político-liberal da luta contra a tirania, tendo como um dos inspiradores Lord Byron. Neste contexto, foi fundado em 1837, em Buenos Aires, o ‘Salón Literario’, sendo suas principais figuras Juan Bautista Alberdi, Esteban Echeverría e Juan María Gutierrez. Todos eles, em amplas atividades políticas, partiram para o exílio, ficando conhecidos como a “geração de 37” e na qual se inclui também Sarmiento.

Echeverría, grande amigo a quem Sarmiento conheceu em 1845 em sua viagem a Montevideú, foi a figura mais importante do romantismo hispano-americano.² Uma influência significativa em *Facundo*, de Sarmiento, veio de James Fenimore Cooper, romancista que transportou a descrição de suas personagens ao limite entre a vida bárbara e a civilizada – era a temática romântica do exotismo geográfico.

Sarmiento, ao descrever seus personagens, tipos que habitavam a imensidão desértica, limite entre a civilização e a barbárie, resgatava algumas especialidades notáveis. O *rastreador*, sublime criatura, misteriosa, com um olho ‘microscópico’, o *baqueano*, um ‘topógrafo’, o *gaucho malo*, um fora-da-lei, mas com sua ‘ciência do deserto’, o *gaucho cantor*, um bardo, no qual o ‘historiador’ poderia se apoiar se aquele vivesse na civilização. Os matizes românticos também dão vazão às influências das ciências naturais, com seus graus de cientificismo e a preocupação em descrever, analisar e classificar.

Estes tipos, produtos de um meio bárbaro, não conheceriam associações, à exceção da pulperia – espécie de armazém de campanha. Ponto de encontro de homens independentes e sem idéias de governo, sem objeto público e interesse social, neste local apenas se ensaiavam e

comprovavam as habilidades com o cavalo e a faca. As associações, com o sentimento de bem público, estariam presentes apenas na cidade.

Assim, o período que vai de 1810 a 1845 é tido pelo autor como de uma completa inversão. A revolução de 1810 é vista como se partissem das cidades – as ‘luzes’ triunfando sobre os espanhóis. Estas luzes, porém, teriam *ingenuamente* assimilado as *montoneras*³ e, desta forma, a campanha acabou subjugando as cidades. Era a barbárie que marchava sobre a civilização e ainda a controlava, tendo em Facundo Quiroga um de seus mais autênticos porta-vozes.

A idéia do ‘grande homem’ e de seu papel na história está presente em Sarmiento. Na falta de um Napoleão, um “grande homem negativo”:

Toda la vida pública de Quiroga me parece resumida em estos datos. Veo en ellos el hombre grande, el hombre de genio a su pesar, sin saberlo él, el César, el Tamerlán, el Mahoma. Ha nascido así, y no es culpa suya; descenderá en las escalas sociales para mandar, para dominar, para combatir el poder de la ciudad, la partida de la policía. (Sarmiento, 1993, p. 140)

Todos os elementos do caráter de Facundo, negativos, é claro, estariam presentes nos caudilhos das campanhas que sufocaram a civilização, entre os quais se sobressaía o ‘monstro’ Rosas.

Diante de um presente monstruoso Sarmiento projetava um futuro político e social da nação bastante positivo, colocando-se, juntamente com a “geração de 37”, como protagonistas principais desta construção. O programa político do *nuevo gobierno* liberal e centralizador era uma antítese a tudo que Rosas “não fez e nunca faria”: assegurar os caminhos e estabelecer os correios, favorecendo o comércio interior e as indústrias provinciais nascentes; situar o exército permanentemente no sul, assegurando territórios e rios; trazer imigrantes estrangeiros; fomentar a navegação fluvial; nacionalizar o porto de Buenos Aires e suas rendas; organizar a educação pública. Era uma nação para o deserto.

Sarmiento, depois de *Facundo*, obra de sua mocidade, escrita aos 34 anos, pôde verificar que o Estado não era ele nem sua sociedade de letrados. A realidade, entretanto, não arrefeceu a idéia de continuar a

ser o dinamizador da pátria, presente ainda em *Conflicto y armonia de las razas en América*. Escrito em 1883, cinco anos antes de sua morte, foi a última grande contribuição de Sarmiento à história do pensamento latino-americano. Entre ambas as obras, porém, muitas águas rolaram.

Em 1852, Rosas é derrotado na batalha de Caseros por um exército composto em grande parte por unitários e dissidentes federais. O período que se seguiu até 1862 foi de extrema instabilidade política. De um lado, a Confederação Argentina, para a qual Urquiza fora eleito presidente, antigo caudilho federal e comandante militar responsável pela derrota de Rosas. De outro lado, separada e também com constituição própria, a província de Buenos Aires, reduto político principal dos antigos unitários.

O paradoxo institucional agravava-se com a constante pauperização financeira da Confederação em comparação com Buenos Aires, beneficiária exclusiva das rendas da aduana de seu porto. Esta situação teve seu desenlace final em 1861, na batalha de Pavón, quando os exércitos da Confederação sob as ordens de Urquiza retiraram-se do campo de batalha sem serem derrotados. Derqui, eleito presidente da Confederação em 1860, abandona o cargo, ocorrendo simultaneamente o afiançamento político liberal portenho em quase todo o interior argentino.

Após acordos políticos, nos quais a constituição da Confederação passava a ser a da nação, assim como a posse das rendas do porto. O grupo liberal colocava em prática, agora dentro de um espaço nacional, as idéias que, depois da queda de Rosas em 1852, havia aplicado à província de Buenos Aires.

Em 1862, as legislaturas provinciais outorgavam a Mitre, governador e comandante dos exércitos da província de Buenos Aires que se bateram contra Urquiza, os poderes de presidente. Sarmiento tornava-se governador de San Juan e, em 1868, presidente da república. Os antigos exilados estavam finalmente com o poder nacional.

No novo marco institucional pós-Pavón, foram significativos, como medidas necessárias à imposição da nova ordem nacional, a criação e o funcionamento do exército nacional e da justiça federal. Entretanto, a formação e a consolidação do Estado Nacional argentino foram fenômenos que sucederam às presidências fundadoras de Mitre (1862-1868), Sarmiento (1868-1874) e Avellaneda (1874-1880). Os últimos

marcos institucionais fundamentais para a consolidação do Estado vieram no primeiro governo Roca (1880-1886), com a federalização da cidade de Buenos Aires (1880), com a proibição de formação de corpos militares nas províncias e com a unificação monetária (1881).

Dois anos após o término do governo do General Roca, sendo o substituto seu concunhado Juárez Celman, morria Sarmiento. A nação, a qual ajudara a construir, mudara muito ao longo destes cinco governos, bem como o antigo exilado. O futuro, que parecia radiante em *Facundo*, tornava-se em *Conflicto* pessimista e preocupante.⁵

A Argentina após a segunda metade do século XIX, principalmente em seu último terço, inscrevia-se perfeitamente dentro do quadro da divisão internacional do trabalho – possivelmente o seu melhor exemplo. Parecia um casamento perfeito: a crescente demanda capitalista mundial de produtos agropecuários juntava-se à crença de um progresso ilimitado por parte do Estado recentemente consolidado. Para isto, a política liberal dos organizadores do Estado Nacional levava sempre em conta dois fatores fundamentais: a importação de capitais e uma política de atração da imigração estrangeira.⁶ Este quadro, entretanto, vinha carregado com nuvens cinzentas, como o próprio pensamento de Sarmiento.

As idéias de modernização econômica, assumidas pelo Estado Nacional, enfrentavam um ciclo vicioso: comprava-se mais do que se vendia e, ainda por cima, vendia-se barato. Os avanços tecnológicos e o crescimento da demanda mundial facilitavam, porém, a expansão agropecuária e, conseqüentemente, as exportações de carnes e cereais, bem como as de lã, as principais atividades econômicas do país. A vulnerabilidade da economia evidenciava-se, no entanto, sempre nos momentos depressivos do ciclo econômico mundial; então, suspendiam-se os créditos e as inversões, assim como as matérias-primas exportadas sofriam um rebaixamento em seus preços.

Assim, a Argentina conheceu as crises econômicas de 1866-1867, 1873-1876 e a de 1890. A esta última, a maior, somou-se uma crise política que desdobrou os acontecimentos e levou o país à beira de uma revolução. Sarmiento não a presenciaria; morrera há dois anos em Assunção, num país que ajudara a destruir com uma guerra (1865-1870).

Sarmiento, que ‘gritara’ sempre ‘educar’ e ‘povoar com estrangeiros’, vira este último afluir ao seu país, mas não na quantidade

que almejava, como acontecia nos Estados Unidos. O problema, no entanto, estava ligado à questão da terra. A legislação destinada a possibilitar o povoamento e a posse da propriedade, particularmente nas regiões conquistadas nas campanhas do deserto,⁷ prestou-se principalmente à especulação de terras e do crédito hipotecário, bem como à concentração da propriedade por parte de uma oligarquia latifundiária.

Com a Lei Avellaneda (1876), que incidia sobre as propriedades pertencentes ao patrimônio da União, a terra pública foi negociada por todo o país, sob a forma de grandes extensões para uso da pecuária, sem o efetivo povoamento. Os imigrantes estrangeiros, vendo bloqueado em boa medida o acesso à posse da terra, voltaram para as cidades, concentrando-se no litoral, principalmente em Buenos Aires.

O Estado que Sarmiento quis construir à imagem e semelhança do norte-americano, país que admirava e no qual fora embaixador entre 1865 e 1868, tomava caminhos preocupantes. Para ele, a Argentina crescera muito economicamente se comparada ao restante da América Hispânica, porém sem consistência. E a situação política, principalmente, era o que o intrigava. A constituição de 1853, reconhecida como uma obra jurídica de peso, refletia por parte da ação governamental o caso do direito, havendo uma distância entre o discurso legalista e sua prática apenas formal. Era a subserviência no continente das estruturas administrativas ao executivo, e que se acentuavam em seu país com o governo de Roca (1880-1886). Era o fracasso democrático dando margem, futuramente, ao fantástico na literatura. Onde estaria a raiz do problema argentino, mal mais profundo e presente em toda América Latina? O velho Sarmiento novamente saía em busca de soluções.

Conflicto traz no título o núcleo gerador da antítese que permeia a obra. A oposição, que há quase meio século se chamava civilização/barbárie, cidade/campo, terminará por se designar branco/não branco, raças superiores/raças inferiores. Rosas já não era o bárbaro que *Facundo* havia retratado, a barbárie vinha da organização social.

En 'Civilización y Barbárie' limitaba mis observaciones á mi país; pero la persistencia con que reaparecen los males que creímos conjurados al adoptar la Constitución federal, y la generalidad y semejanza de los hechos que ocurren en toda la América española,

me hizo sospechar que la raíz del mal estaba a mayor profundidad que lo que accidentes exteriores del suelo lo dejaban creer. (Sarmiento, 1900a, p. 8)

A luta que, na juventude demonstrara-se política, agora na velhice lhe parecia limpidamente social. Sarmiento também mudara, não era mais o literato em oposição a Rosas, mas um homem que havia passado pelo poder e necessitava autojustificar-se. Concomitantemente, abandonaria em parte o exercício da literatura pelo aparato de autoridade dos rígidos esquemas científicos de sua época.⁸ Mãos à obra.

¿Cuál ha de ser, nos hemos preguntado mas de una vez, el sello especial de la literatura y de las instituciones de los pueblos que habitan la América del Sud, dado el hecho de que la nación de que se desprendieron sus padres no les ha legado ni instituciones ni letras vivas? (Sarmiento, 1900b, p. 403)

O mito de uma origem vazia, culpada de múltiplos fracassos, preside a redação de *Conflicto*. Sarmiento, eterno ególatra, se exhibe como o ponto de emergência deste vazio para explicar o insucesso parcial das instituições republicanas na América Latina, mostrar suas deficiências e apontar os complementos necessários.

A resposta ao problema era uma questão de identidade social. A raiz da questão estava na mestiçagem. Dela resultou um povo reacionário à educação, inadequado para a democracia e para o uso das liberdades civis e dos direitos políticos, e refratário para os modos de vida da sociedade moderna.⁹ O cruzamento das raças, que se encontravam em estágios muito diferentes de evolução, produziu povos incapazes para o exercício da democracia. Some-se a isso um espanhol que, quando se transportou para a América, vivia ainda na Idade Média. Já na América do Norte, os ingleses não admitiram os indígenas em sua constituição social – eis a fórmula do sucesso e do fracasso.

Para tentar entender o que seria esta América, Sarmiento vai lançar mão de distintos corpos discursivos: literatura, antropologia evolucionista, história institucional e social, biologia e uma teologia judaico-cristã, todos usados aleatoriamente.

Sarmiento, partindo da verdade da tese da inferioridade racial dos índios num capítulo dedicado à etnologia americana, tratou das

divisões da raça indígena na Argentina: quichua, guarani e araucopampeana. Ao contrário dos indígenas, apreciados negativamente quanto ao seu caráter, os negros, embora também inferiores, são vistos com simpatias. O discurso histórico mostrava-os como servis e valentes, tendo lutado na independência contra os espanhóis, diferente da postura ambígua dos indígenas. A raça negra, no entanto, teria sido eliminada ao longo das extensas guerras civis da Argentina.

Iba á verse lo que produciría una mezcla de españoles puros, por elemento europeo, con una fuerte aspersion de raza negra, diluído el todo en una enorme masa de indígenas, hombres prehistóricos, de corta inteligencia, y así los tres elementos sin práctica de las libertades políticas que constituen el gobierno moderno.

Estas razas distintas de color no forman, sin embargo un todo homogéneo, como formaron entre si galos y romanos, sajones y normandos, germanos y longo-bardos, godos, etc. y aun á arabes y sarracenos, que al final todos son variedades de una sola y misma raza, la caucásica. Agassiz no admite que la progenie de negro y blanco, de blanco y indio, de indio y negro que produce mulatos, mestizos y mameucos, pueda subsistir sin volver á uno de sus tipos originales; pero el lenguaje comun se ha anticipado á la ciencia distinguiendo estos diversos orígenes y las medias castas intermediarias, muy sensibles aun en el Perú y en Bolívia, aunque no sean felizmente muy visibles en nuestras propria sociedad argentina. (Sarmiento, 1900b)

A liberdade com que Sarmiento utilizava o conceito de raça, ora em um sentido biológico e, outras vezes, num sentido histórico – em sua maioria –, bem como sua posição naturalista e biológica, se complementa com as idéias tomadas de Spencer, condizentes ao perfil de suas leituras. Estão todos ali citados: os poligenistas Agassiz, Buckle, Taine, Le Bon; Spencer; os darwinistas argentinos Ameghino e Moreno. Esta mesma liberdade não comprometia seu senso sociológico: apesar de conhecer pessoalmente Agassiz (1807-1873), norte-americano de origem suíça, e utilizar-se de suas teorias, via a miscigenação como uma realidade. Apesar dos estragos que já causara, por ‘felicidade’ esta não era tão acentuada na Argentina.

O pensamento de Sarmiento seguiu o lugar comum da ideologia racial do século XIX em sua reação ao humanismo iluminista e a seu

modelo igualitário, e que proclamava a inferioridade das raças não-brancas e o princípio da desigualdade inata entre os homens:¹⁰ acreditava na existência das raças, na continuidade entre físico e moral e na ação determinista do grupo racial-cultural sobre o indivíduo.

Com a publicação de *A origem das espécies*, de Darwin, em 1859, as interpretações monogenistas e poligenistas assumem o modelo evolucionista, atribuindo ao conceito de raça uma conotação não mais biológica, para se tornar sociocultural. Junto ao 'darwinismo social', compartilhava Sarmiento a ótica de ser a miscigenação uma degradação não apenas racial como social. Influenciou-o Taine (1828-1893), expoente máximo do cientificismo. Como ele, aceitava do iluminismo a fé no determinismo, o materialismo/cientificismo dos enciclopedistas, recusando o seu universalismo, a fé na unidade essencial da espécie humana e na igualdade enquanto ideal. E do 'evolucionismo social', de Spencer, compartilhava a idéia de as raças encontrarem-se em diferentes estágios evolutivos, sendo as diferenças entre os povos o resultado do 'progresso' de alguns e do 'atraso' de outros.

Este discurso cientificista, entretanto, não é o fio condutor de *Conflicto*, mas sim um discurso religioso, ligado à teologia judaico-cristã.¹¹ Seguindo as Antigas Escrituras, Sarmiento elabora uma teoria da segregação baseada no reconhecimento de uma ordem divina feita ao povo judeu: a proibição das mesclas étnicas.

A Bíblia, na parte do Antigo Testamento, conta-nos uma passagem de Abraão. Era ele então um velho, tendo sido abençoado em tudo por Deus. Abraão disse ao servo mais velho de sua casa, que governava todos os seus bens:

Põe tua mão embaixo da minha coxa. Eu te faço jurar por Jeová, o Deus do céu e o Deus da terra, que não tomarás, para meu filho uma mulher entre as filhas dos cananeus, no meio dos quais eu habito. Mas irás à minha terra, à minha parentela, e escolherás uma mulher para meu filho Isaac. (Gen. 24, 1-3)

Esta proibição às mesclas raciais, seguindo os preceitos das Antigas Escrituras, teria sido levada a cabo pelos ingleses povoadores da América do Norte, transformando assim aquela região na 'Nova Sião', o paraíso na terra. Para Sarmiento, as seitas que, para ali foram em

função das mudanças decorrentes da Revolução Inglesa, exerceriam uma profunda influência sobre o destino da humanidade, pois delas procederiam as instituições republicanas e livres que tenderiam a estabelecer-se como forma de governo universal das sociedades civilizadas e cristãs.

Estes ingleses eram os puritanos e *quakers*, republicanos da Inglaterra, que formavam comunidades de crença, havendo também os Cavaleiros da Virgínia, mais aristocráticos, que se estabeleceram nas colônias ao sul. Os atos fundadores destes antigos colonizadores – os documentos da fundação das colônias americanas – eram diferentes das constituições baseadas em princípios da Revolução Francesa, que davam direitos aos indivíduos “que não deveriam ter”. Em lugar do ‘contrato social’, de Rousseau, preferiu-se uma aliança entre os membros que se reconheciam iguais, pois o eram política, étnica e culturalmente, excluindo assim os ‘índios’ e os ‘negros’. O horror que causava em Sarmiento a Revolução Francesa não deixava dúvidas quanto à simpatia pelo novo contrato:

La antigüidad de estas piezas, y su confrontación con las constituciones modernas, contribuirá no poco com su lectura á corregir uno de los mas deplorables extravíos el juicio adquirido de la desastrosa revolución francesa en que cada uno es osado de ofrecer planes de instituciones humanas, crear derechos á los individuos que no tienen antecedentes en la historia de los progresos de la sociedad, y sirven solo como un obstáculo echado en medio del camino para hacer fracasar las instituciones fundadas en derecho. (Sarmiento, 1900a, p. 237)

A apologia que Sarmiento fazia ao protestantismo advinha também do fato de que entre a religião e o Estado não houvera conflitos de poderes, estando a primeira a sustentar o projeto estatal.

Na América Latina, onde foi admitida a miscigenação, a situação era bem diferente. Para Sarmiento, num paralelismo ao uso das instituições religiosas como fatores de poder, os atos fundadores dos jesuítas no sul do continente foram negativos. No antigo Vice-Reinado do Rio da Prata, eles inocularam os germes de sua dissolução: além de atuar nefastamente sobre os indígenas, os jesuítas teriam se dedicado à tarefa de corroer o princípio da autoridade das instituições coloniais:

A este despego á un suelo que no es la patria, sino la mision, se añade, como lo hemos visto, el desafecto natural del conquistado á su dominador, de la raza inferior á la superior, pero regravado por la educación, obteniendo los misioneros que los indios apenas domesticados se críen y mantegan lejos y separados de los blancos, llamados españoles, con o que se forma una nacion no ya en la nacion, sino fuera de la nacion; pero es el colmo de la imprevision, del orgullo y del espiritu de cuerpo, inculcarle la idea á la raza inferior conquistada, que es mejor y mas aceptable á Dios que la de sus amos, y aún constituirlos clandestinamente en espías y centinelas de vista de la perversidad innata del hombre civilizado; á fin de que no escandalice al inocente selvaje, que Rousseau había hecho por naturaleza bueno, y que los viajeros hallaron en todas partes incorregiblemente perversos. (Sarmiento, 1900a, p. 193)

A influência da Companhia de Jesus teria ajudado a separar o Paraguai e a Banda Oriental – Uruguai – de Buenos Aires. Daquelas ‘terras quentes’ do norte surgiria Francia e os Lopez, herdeiros de Rousseau e dos jesuítas, com seu igualitarismo inadmissível para Sarmiento – a propriedade privada seria a base do progresso.

Monstros também o foram Artigas e Rivera, artífices da independência da Banda Oriental, levada a cabo com a presença massiva de indígenas, dentre eles os guaranis que conheceram a experiência missioneira e viviam em uma extensa área do Prata. O efeito ‘lamentável’ destas sublevações teria sido a propagação das lutas civis a uma grande parte do território argentino. Entravam em cena os caudilhos, estando todos os elementos que detiveram a revolução da independência agora presentes – era a barbárie que sucumbia à civilização. Religião, fanatismo, gaúchos, caudilhos, índios e lutas de poder vinham como sinônimos.

A Argentina, habitada – segundo Sarmiento – por um dos povos mais adiantados da América devido ao grau de cultura e riqueza, padecia as conseqüências sociais da quebra dos mandamentos divinos. Havia, porém, uma salvação. Esta ressurreição viria através da literatura dos antigos exilados. Entre os redentores da pátrias, é claro, Domingo Faustino Sarmiento.

Em *Facundo* (1845), mostrara as lutas existentes; em *Viajes* (1849), apresentara os EUA; *Argirópolis* (1850) fora o ensaio de proposta

de um programa de ação concreta para substituir a confederação rosista e no qual pedia a volta do poder ao seu centro legítimo, o Congresso. Num longo fio condutor, finalmente, *Conflicto* (1883).

Chegava-se à profecia e ela justificava todas as lutas do passado. Já tendo o seu 'Caminho de Damasco' há mais de meio século, Sarmiento apontava então o que deveria ser a senda para a nação argentina: nivelar-se aos EUA, imitando-o com suas idéias modernas; trazer raças européias para corrigir o sangue indígena; não admitir no corpo eleitoral somente os que pudessem ser capazes de desempenhar suas funções. Sua conclusão final bem poderia ser uma das tantas bravatas diárias do presidente Menem, no *Clarín*, de Buenos Aires:

La América del Sur se queda atrás y perderá su mision providencial de sucursal de la civilización moderna. No detengamos á los Estados Unidos en su marcha; es lo que definitiva po ponen algunos. Alcancemos á los Estados Unidos. Seamos la América, como el mar es el Oceano. Seamos Estados Unidos. (Sarmiento, 1900b, p. 421)

Abstract

Sarmiento was the source of a historiographic discourse that spread beyond Argentina's frontiers. From the young Sarmiento of *Facundo* to the old man of *Conflicto y armonia* (*Conflict and harmony*), the search for the roots of the Argentine problem was always there. The article analyzes the changes that took place in that search – a struggle that at first appeared to be political, ended up being clearly social. Changes that caused literary practice to be abandoned in part, for the authoritative set up of the rigid scientific schemes of his time.

Key-words: Race; National Conformation; Liberal Ideology, Argentine Historiography.

Notas

- 1 Ver Biermann (1990) e Pratt (1992).
- 2 Ver Menton (1992).
- 3 Força armada indisciplinada, que fazia a guerra de guerrilhas aos espanhóis. Advinda do movimento revolucionário de 1810, era

- formada de gaúchos e mesmo de índios, como no caso das comandadas por Artigas.
- 4 Pertencente ou relativo à cidade de Buenos Aires.
 - 5 Passar-se-á a identificar a obra *Conflicto y armonia de las razas en América*, apenas pelo seu primeiro nome.
 - 6 Ver Gallo (1994); Oszkak (1992); Halperin Donghi (1992).
 - 7 As chamadas 'Campanhas do deserto' referem-se às ocupações feitas em terras do pampa argentino que estavam sob domínio indígena. A primeira ocorreu ainda no período de Rosas, na província de Buenos Aires. A segunda, feita ao final dos anos 70 e sob o comando do General Roca, colocou na mão do Estado outras vastas áreas dos Pampas, bem como a Patagônia.
 - 8 Ver Viñas (1993), p. 263.
 - 9 Ver Zalazar (1904).
 - 10 Ver Gould (1991); Todorov (1993); Gerbi (1992); Ventura (1991); Schwarcz (1993); Skidmore (1976).
 - 11 Ver Rodrigues Persico (1992).

Referências Bibliográficas

- BIERMANN, Kurt-K. *Alexander von Humboldt*. México: Fondo de Cultura Económica, 1990.
- CARPENTIER, Alejo. *Recurso del metodo*. 11 ed. México: Veintiuno, 1976.
- GALLO, E.; CORTES CONDE, R. *História argentina: la republica conservadora*. Buenos Aires: Paidós, 1984.
- GARATE, Miriam V. *Civilização à barbárie n'os sertões*. Campinas: Unicamp, Instituto de Estudos da Linguagem, 1993 (Remate de Males, 13). p. 57-66.
- GERBI, Antonello. *La naturaleza de las indias nuevas*. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- GOULD, Stephen Jay. *A falsa medida do homem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- HALPERIN DONGHI, Tulio. *Una nación para el desierto argentino*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982. (Sociedad y Cultura, 8).

- MENTON, Seymour. *El cuento hispanicoamericano*. 4.ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1992.
- OSZLAK, Oscar. *La formación del estado argentino*. Buenos Aires: Editorial Belgrano, 1982.
- POMER, León (Org.). *D. F. Sarmiento*. São Paulo: Ática, 1983 (Grandes Cientistas Sociais, 35).
- PRATT, Mary Louise. *Imperial eyes. Travel writing and transculturation*. London: Routledge, 1992.
- RODRIGUEZ PERSICO, Adriana. *Un huracan llamado progreso. Utopia y autobiografia en Sarmiento y Alberdi*. Washington: OEA, 1992. (Interamer, 22).
- SARMIENTO, Domingo F. *Facundo*. 2.ed. Madrid: Cátedra, 1993.
- SARMIENTO, Domingo F. *Recuerdos de provincia*. Buenos Aires: Barnabé, 1938.
- SARMIENTO, Domingo F. Conflicto y armonia de las razas en América. In: *Obras Completas*. Buenos Aires: Mariano Moreno, 1900. Tomos XXXVII e XXXVIII. (a e b).
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças. Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.
- SKIDMORE, Thomas E. *Preto no branco. Raça e nacionalidade no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- TODOROV, Tzvetan. *Nós e os outros. A reflexão francesa sobre a diversidade humana*. Rio de Janeiro: Zahar, 1993.
- VENTURA, Roberto. *Estilo tropical. História cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.
- VIÑAS, David. *Indios, ejército y frontera*. 2.ed. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 1983.
- ZALAZAR, Daniel E. Las posiciones de Sarmiento frente al indio. *Revista Iberoamericana*. Buenos Aires, v. L, n. 127, 1984, p. 407-29.